
IDENTIDADE E MASCULINIDADE NA GUERRA DE ESPADAS DE SENHOR DO BONFIM - BA

Raimilson da Silva Tavares
Mestrando em História /PPGH-UFCG
raimilsonsantavares@yahoo.com.br
Regina Coelli Gomes Nascimento
Orientadora /PPGH-UFCG
reginacoelli2@yahoo.com.br

O São João na cidade de Senhor do Bonfim – BA¹, de uma maneira geral, é comemorado com festas, fogueiras e comidas típicas. Historicamente, a festa vem sofrendo mudanças ao longo do tempo, deixando de ser uma comemoração tipicamente religiosa, familiar e rural onde as famílias se encontravam para se tornar uma aglomeração social e urbana de amplitude intermunicipal e interestadual². Na cidade de Senhor do Bonfim-BA, a festa de São João possui uma peculiaridade importante que é a **Guerra de Espadas** comemorada ou, melhor dizendo, praticada no dia 23 de junho, véspera de São João. A festa junina na atualidade causa uma explosão de brilho, música, diversão, cultura e conhecimento, atraindo grande número de turistas, aumentando a economia do comércio, dos barraqueiros, fabricantes de fogos, hotéis, clubes, catadores de latas de bebidas e daqueles que tiram o sisal das espadas já usadas para vender, essa última atividade vem diminuindo nos últimos anos. A espada é um artefato constituído por um pedaço de caniço ou taboca de bambu que tem dimensões e tamanhos diferentes que vai depender dos tipos que são fabricados aqui na cidade de Senhor do Bonfim.

Nosso recorte temporal para se estudar essa prática cultural é (1968-2010) e justifica-se devido a um indício relatado por um entrevistado no ano de 2003, o senhor Antônio Gonçalves, na época da entrevista relatou-nos como era comemorado o São João de antigamente em sua cidade natal:

O São João de Bonfim era aquele São João tradicional ne? Agente fazia assim, de casa em casa. (...) Agora quando chegou em 68 foi a primeira tentativa de

¹ Cf. Informativo oficial do São João 2003, intitulado : Senhor do Bonfim – Capital Baiana do Forró. A cidade de Senhor do Bonfim-BA, localizada no norte do Estado e distando 374 km da capital, às margens da BR 407, comemora aquela que é uma das maiores festas de tradição popular: o São João.

² Cf. Estima-se que e somente a empresa de ônibus São Luiz colocou mais de 150 ônibus extras, saindo apenas de Salvador. Ver: TRIBUNA REGIONAL, p. 1,1 a 15 de julho de 2002.

organização do São João aqui na Praça Nova, né? Quem era os responsáveis por esse projeto na época era o Caio Félix Martins e o radialista Leônidas Caribé. Eles fizeram a primeira tentativa, fizeram realmente a primeira programação e a tentativa de organização da festa de São João, porque já naquela época as famílias já não estavam mais suportando o número de visitantes aqui em Bonfim (...) então quando foi 1968 Caio e Quequel eles se juntaram e fizeram a primeira festa aqui na praça Nova do Congresso, era quando o prefeito Cândido Félix Martins.³

A partir dessa entrevista tivemos um indício ou rastro de evidência histórica de que dentro da administração do Sr. Prefeito Cândido Felix Martins, no ano de 1968, houve a primeira festa realizada na Praça Nova do Congresso, (local este que ficou sendo palco de realização do São João por muitos anos, até ser transferido para o Parque da Cidade⁴ no ano de 2008) tornando-se um marco de mudança em toda estrutura e organização da festa junina, especialmente no tocante à Guerra de Espadas que terá seu lugar de realização (antes era de livre e irrestrito acesso a um maior número de ruas da cidade) demarcado pelo poder público que apontará quais os lugares e ruas que serão permitidos tocar a queima das espadas ou guerrear. O ano de 2010 justifica-se por estarmos no presente tentando perceber as continuidades e mudanças dessa guerra.

A origem da Guerra de Espadas é discutível, pois esta está associada à memória de seu povo⁵. Uma das versões possíveis contada por dois depoentes⁶ entrevistados está disseminada nas entrevistas⁷ e artigos⁸ que remetem à guerra em Senhor do Bonfim, é de que foi criada quando um bonfinense de nome Prexedes, popularmente conhecido como 'Prexel", que era pai de duas moças bastante assediadas pelos rapazes da cidade, resolveu adotar a prática de enxotá-los das proximidades de sua residência utilizando-se de um tipo de fogos de artifício chamado busca-pé, que eram atirados em direção aos paqueradores. Estes, por sua, vez, respondiam com chacotas e

³ Entrevista realizada com o Sr. Antônio Gonçalves, 64 anos, aposentado, em 11/02/ 2003.

⁴ Local destinado a área de lazer, residências e prédios públicos pelo Poder Público Municipal no ano de 2008. Cf. Senhor do Bonfim: Jornal Lampião, junho de 2010. P.6

⁵ Por ser uma tradição guardada na oralidade e na memória, não foi possível localizar no tempo o momento exato em que surgiu a Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim. A memória social se preocupa em divulgar o por quê da guerra que era o de defender as fogueiras dos forasteiros ou guerras entre famílias ou grupos de ruas. Ver: ALMEIDA, Rose Mary Ferreira (org.). 2001, p.106.

⁶ Destaco duas falas de depoentes que convergem para a explicação supramencionada: Luiz Moreira e Paulo Ernesto Leite Rodrigues, entrevistados pelo autor em julho de 2010.

⁷ Cf. Entrevista dada por Luiz Moreira ao Jornal Agito. Abril de 2010, p.4

⁸ Cf. SANTOS, Bárbara Láira da Silva. Artigo: Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim X Meio Ambiente. Faculdade Presbiteriana Augusto Galvão. Acadêmica do 1º Semestre do Curso de Engenharia Ambiental 2010.1.

até desafios: "Só tinha uma !", "Só tinha essa !", "Galinhou, Prexel !". Com o tempo, os afoitos rapazes passaram também a jogar busca-pés em direção ao cauteloso e precavido pai das donzelas. Não tardou muito e o costume se estendeu à defesa das fogueiras. Quem atacava as fogueiras também passou a fazê-lo soltando espadas que eram atiradas contra os defensores. Os lutadores da Guerra de Espadas se orgulham em mostrar para a sociedade as dolorosas marcas disputa deixadas sobre o seu corpo como ferimentos, queimaduras e fraturas cranianas, tornando-se motivo de auto-afirmação da identidade masculina praticada pelos gêneros enquanto homens e mulheres corajosos e destemidos que enfrentaram tal batalha.

No fragmento abaixo, percebe-se na fala do depoente de maneira sutil, certa afirmação de coragem ao nos relatar os perigos da guerra e que tipo de roupa deve-se usar para se proteger, percebemos seus risos e expressões em nos alertar para o gingado que o guerreiro deve ter:

Roupa velha. A calça velha porque vai queimar. Não tem esse que vá que não traga uma marquinha (risos), uma queimadurazinha, pequena que seja mas leva lembrança (risos) da guerra. Bota um chapéu de preferência um chapéu de couro. Tem muitos que colocam de palha certo, preso o chapéu e colete, blusão, vai bem equipado mesmo. Jeans, roupa jeans, de preferência jeans e velho, porque acabou ali, pode jogar fora que queimou. Muitos queimam mesmo, chegam aos hospitais, como eu trabalho lá, chegam aos hospitais queimaduras de primeiro, terceiro grau e tudo. No outro ano tão aí de volta, com certeza. Tão aí pra se queimar de novo (risos) e muitos já pegam tal experiência que a questão é você ter o gingado. Vem a espada, você não corra porque o corpo, o vácuo leva, faz com que ela vá atrás de você. Não corra! Você se livra, ela vem na parte alta você se baixa, vem pelo chão você pula. A questão é essa, saber se livrar! Tem que ter gingado (risos). (Fala de Sergio Paulo Martins de Souza, 43 anos, profissão Técnico de Enfermagem, entrevistado pelo autor em 06 de janeiro de 2003, em sua residência em Senhor do Bonfim-BA).

A Guerra de Espadas está diretamente ligada a afirmação da coragem e da masculinidade do (a) guerreiro (a), que mesmo se machucando e sentindo dor em seu próprio corpo estes não deixam de participar, de se arriscar, de brincar , de se divertir como se fosse um gingado de uma dança, de um balé, que acompanha o som emitido por sua queima de pólvora com todos seus ingredientes que a compõe, como afirma Marcelo Machado:

As espadas suviam aqui e dançam, né! Eu acho perfeito quando ela faz o show porque se diz assim: "vou tocar uma sanfona", "vou tocar um trompete", "tocar um instrumento musical", e você toca quando você acende a música de fogo, de pólvora dela, ela txá, txá, txá, txá ... é música, e as pessoas pulam, então ela é um show,

entende, ela canta, dança e bota os outros pra dançar. (Marcelo Machado, professor de Filosofia – cidade de Cruz das Almas -BA)⁹

O referencial de “cabra macho” e “mulher macho” que enfrenta a guerra é tão forte, que alguns participantes chegam a queimar suas vestes com a própria espada que empunha, para poder dizer e mostrar que lutou, “se feriu”, mas saiu vitorioso; cujo troféu é ser reconhecido e valorizado diante da sociedade e de si mesmos. Essa identidade de valente e corajoso é construída por esses praticantes e torna-se uma espécie de troféu a ser reconhecidos como tal.

A Guerra de Espadas parece ser o universo de imagens, símbolos e códigos que aponta e sugere a idéia do gênero e da identidade masculina, construído em torno da cultura do “valente”, esta marcada pelos estereótipos masculinos. Tal fato está presente desde o vestuário, passando pela produção e coordenação dos grupos.

Reconhecendo a importância da Guerra de Espadas quanto aos seus mais variados aspectos como: lúdico, turístico, cultural, identitário etc., bem como a necessidade de entendê-la melhor, foi que nasceu o interesse do estudo, visando compreender como a masculinidade está sendo pensada e vivenciada pelo conjunto das pessoas frequentadoras e partícipes da Guerra de Espadas em Senhor do Bonfim. Sendo assim, estou preocupado com os seguintes questionamentos: O que é ser guerreiro? O que é ser mulher- guerreira? Até que ponto a figura do guerreiro atualiza a noção de masculinidade operante em nossa sociedade? Busco entender, ainda, até que ponto o espaço da batalha serve de local de reprodução dos códigos dominantes na sociedade, notadamente os códigos que regem as relações de gênero e que relações ela pode ter com a idéia de identidade regional nordestina.

Como ponto de investigação e análise as práticas e os discursos que paulatinamente a legitimaram como acontecimento importante para a cidade, para os seus habitantes, para a economia e a cultura locais etc. Ou seja, esse trabalho busca analisar as práticas, as experiências e os discursos que tornaram possível a Guerra de Espadas inserida na festa de São João de Senhor do Bonfim-BA.

⁹ O referido relato sobre a Guerra de Espadas encontra-se no documentário em vídeo da TVE-Bahia: Bahia Singular e Plural – IDERB/TVE, dezembro de 1998.

Trata-se, portanto, de compreender os múltiplos significados e representações da festa junina (Guerra de Espadas), não somente a partir das circunstâncias sócio-históricas que a condicionaram, mas sobretudo a partir do significado simbólico dos discursos e das práticas criadas para apresentá-la e legitimá-la no momento mesmo de sua construção, passando a existir como uma festa comercializada por meio de um marketing turístico, econômico, social, cultural e político.

Trabalho de campo fazendo anotações e observações, bem como registrando os seus cenários com fotografias. A aquisição de documentários e reportagens televisivas sobre a Guerra de Espadas e o São João bonfinense também se mostrou como um importante recurso para análise do tema em questão. Como forma de complementar os dados, coletei informações sobre a Guerra de Espadas na cidade de Cruz das Almas-BA, que tem ao exemplo de Senhor do Bonfim-BA uma tradicional Guerra de Espadas. Poesias, poemas e crônicas que fazem menção à festa junina e a Guerra de Espadas. Esse material mostrou-se riquíssimo por possibilitar a instituição de uma produção discursiva da festa como um evento localizado temporal e espacialmente, como um resultado do “saber popular”, como um apego e respeito à “tradição dos bonfinenses”.

A partir de Joan Scott observamos que a compreensão de gênero liga-se a outros fatores além do que sua mera representação binária (homem/mulher) parece supor. Segundo esta socióloga, a definição de gênero deve incluir, além dessa constatação, uma noção de política, bem como uma referência às instituições e a organização social. Para esta autora:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.¹⁰

Portanto, o conceito de gênero remete a categorias sociais (que vão além das genitálias). São os lugares sociais que os homens e as mulheres ocupam na sociedade. São as representações simbólicas que ocupamos em determinados momentos e lugares

¹⁰ Cf. SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre, 16 (2) : 5-22, jul/dez. 1990. p.14.

históricos. São papéis sociais de homens e mulheres que mudam com o tempo. Nesse sentido, o São João e a Guerra de Espadas têm seus lugares simbólicos do masculino e do feminino que querem marcar papéis sociais que são produzidos no cotidiano e ressignificados pela cultura do presente.

Outro aspecto importante a destacar em nossa pesquisa confere-se à noção de *espaço*. Estaremos considerando a noção de espaço elaborada por Certeau:

O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimento que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (...) Deste ponto de vista, existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas.¹¹

Esta idéia de espaço permite-nos perceber melhor o conteúdo de relações vivenciadas na guerra de espadas, uma vez que são por meio das geografias de ações neles produzidas, que observamos as mais variadas formas e contornos de como a idéia de masculinidade está sendo construída. Ou seja, o espaço tomado aqui como “o lugar praticado” nos possibilita entender a relação entre espaço e representação. Isto significa que o *espaço* da guerra de espadas, da mesma forma de outros espaços como o lar, o barzinho, a escola, o cinema, etc., permite a elaboração de códigos e símbolos da masculinidade de acordo com a lógica de referência espacial.

Outra questão para analisarmos em nosso trabalho com relação ao espaço da festa junina, é perceber a disputa festivo-política que há entre as cidades de Senhor do Bonfim e a cidade de Cruz das Almas, ambas localizadas no estado da Bahia, parecido com o que ocorre entre as cidades de Campina Grande-PB e Caruaru-PE.

A Guerra de Espadas é um dos ingredientes do São João de ambas as cidades, tornando-se elemento de atração turística. As reportagens escritas e televisivas durante o meses que antecedem junho e na própria véspera de São João, dia 23 de junho, data em que ocorrem as guerras de espadas das cidades de Senhor do Bonfim e Cruz das Almas, noticiam o São João e a Guerra de Espadas exibindo as duas cidades.¹²

¹¹ Cf. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. (Tradução de Ephraim Ferreira Alves) Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 202.

¹² Cf. Salvador: Jornal Agito, abril de 2010, p.4 (São João: forró, licor e espadas. Quem se arrisca?) Obs.: As outras páginas tratam de festividades da Bahia.

No site oficial da Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim já se encontra o termo criado para substituir a palavra Guerra de Espadas que é “Show de Espadas”. O propósito dessa mudança é mostrar que essa prática festiva é apenas de diversão e brincadeira sem haver a conotação de agressão, violência que a palavra “guerra” produziu e produz. No jornal A Tarde de circulação estadual na Bahia, geralmente após a Guerra de Espadas de Senhor do Bonfim, enfatizava-se o número de queimados. Isso criava uma imagem negativa para a cidade atrair turistas. Em outras palavras, está se dizendo que a guerra ficou para a cidade de Cruz das Almas, onde se fabrica as espadas que levam seu nome: Espada Cruz das Almas. Ela é a mais potente em termos de rojão e poder de fogo, chegando a medir 30 centímetros de comprimento por 06 centímetros de diâmetro e pesando cerca de 600g.

Senhor do Bonfim, se intitula já há algum tempo de “Capital Baiana do Forró”, mostrando com isso, que deseja ocupar o espaço festivo junino da região e da Bahia. As inovações surgem influenciadas por diversos fatores entre os quais destacamos o aumento populacional das cidades, a propaganda da mídia em cima dos grandes nomes de cidades que representariam o mítico “São João na Roça” e a espetacularização política dos municípios agenciando e sendo agenciados por grandes lucros com a operacionalização dessas festas. Isso interessa, certamente, ao poder público e aos grandes empresários da cidade, mas também aos cidadãos bofinenses que se orgulham em mostrar para seus visitantes que têm uma festa junina que a cada ano atrai mais turistas.

Com a Nova História Cultural, trabalharemos com Robert Darnton buscando desvendar o sentido inscrito na linguagem simbólica que se oferece na guerra de espadas e na festa de São João. A própria espada é um artefato fabricado com vários elementos que em sua configuração final é apresentado como um objeto fálico, portanto simbólico e passível dessa nossa interpretação. Nesse sentido, com Darnton, buscaremos adentrar nos meandros de um mundo de significações aparente invisíveis, dos gostos, da indumentária, dos comportamentos que se expressam simbolicamente no ritual dos preparativos e durante a execução da Guerra de Espadas em senhor do Bonfim-BA.

Com Tomaz Tadeu da Silva, trabalharemos a noção de identidade criada a partir da diferença mostrando que ela não é um dado, fato da natureza nem da cultura. Dessa forma afirma da Silva:

A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconstante, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.¹³

Com Durval Muniz, procuraremos nos discursos dos entrevistados e nos textos a exaltação ao guerreiro valente, destemido, capaz de enfrentar a Guerra de Espadas e não recuar mesmo diante dos ferimentos que esta lhes causa. Vejamos uma citação que o autor analisa os códigos de masculinidade fabricados no Nordeste:

A onipotência masculina se expressava em atitudes que punham constantemente em risco a sua vida e a vida de outras pessoas, isso não importava se o necessário era provar ser macho. O furar o outro com o punhal ou com a faca, assemelhava-se a uma atitude de virilidade e dominação; substituindo, talvez, imaginariamente, o falo, a faca fazia o estrago no outro, deixando “seus bofes para fora”, e expondo a vulnerabilidade de um corpo masculino derrotado.¹⁴

Procuraremos fazer uma apropriação desses embasamentos teóricos sobre a identidade que o autor trabalha e exercitar em nossa pesquisa sobre a Guerra de Espadas procurando perceber de que forma os participantes da guerra mudam de identidade para se adaptarem ao desempenho exigido pela própria prática da guerra, que é sinônimo de lugar do masculino, do guerreiro, do valente, do destemido. A própria indumentária dos guerreiros já aponta para essa mudança de comportamento social produzida. O praticante da guerra provavelmente estará buscando algum tipo de reconhecimento social.

Por fim, gostaria de afirmar a nossa metodologia da História Oral terá algumas entrevistas cujos relatos dos moradores de Senhor do Bonfim-BA sobre a festa de São João e a Guerra de Espadas serão muito importantes para identificar

¹³ SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 96-97.

¹⁴ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920-1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003. p. 246.

permanências e mudanças, compreender os significados da festividade, além de registrar os olhares dos participantes da própria guerra.

A memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado. (...) A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. (p.94)¹⁵

Para tanto, nos apoiaremos nos estudos orais, tendo as narrativas como fontes primordiais que possibilitem o desenvolvimento de nossa pesquisa, que é fruto de minha vivência de uma década no município de Senhor do Bonfim-BA. A História Oral permite ao historiador ter contato direto com pessoas, sair das redomas dos documentos escritos e do isolamento das escrivatinhas para se comunicar diretamente com os sujeitos sociais. A oralidade é fluida e o historiador terá a cada novo encontro, a cada conversa, uma narrativa singular. Através das narrativas conseguiremos compor imagens múltiplas dos festejos juninos e da Guerra de Espadas. Imagens permeadas de brincadeiras, diversão, religiosidade, saudade, medo e poder. O trabalho com a História Oral nos permite perceber que as memórias narradas pelos entrevistados, ora se aproximam de uma mesma fala, ora se distanciam. Por isso as memórias precisam ser passíveis de análise crítica, situando seus depoentes dentro de uma operação historiográfica de investigação visando à verossimilhança dos fatos ocorridos.

Enfim, trabalharemos nessa perspectiva de uma memória coletiva dos indivíduos que praticam e representam suas masculinidades a partir da Guerra de Espadas de Senhor do Bonfim-BA.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920-1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

¹⁵ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 93-101.

ALMEIDA, Rose Mary Ferreira. (org.) **E tu me amas?** (Encontro de leitores e enamorados da Cidade de Senhor do Bonfim). Senhor do Bonfim, Gráfica Decalck, 2001.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. (Tradução de Ephraim Ferreira Alves) Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1986.

_____ **Microfísica do poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre, 1990.

TRIBUNA REGIONAL – Jornal da Região de Senhor do Bonfim, de 1 a 15 de julho de 2002.